

## Índice

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 1. Puddleby                      | 9   |
| 2. A Língua dos Animais          | 13  |
| 3. Mais Problemas de Dinheiro    | 22  |
| 4. Uma Mensagem de África        | 28  |
| 5. A Grande Viagem               | 34  |
| 6. A Polynésia e o Rei           | 40  |
| 7. A Ponte dos Símios            | 46  |
| 8. O Líder dos Leões             | 55  |
| 9. A Assembleia dos Macacos      | 60  |
| 10. O Animal mais Raro de Todos  | 65  |
| 11. O Príncipe Negro             | 71  |
| 12. Medicina e Magia             | 77  |
| 13. Velas Vermelhas e Asas Azuis | 85  |
| 14. O Aviso dos Ratos            | 90  |
| 15. O Dragão da Berbéria         | 95  |
| 16. Too-Too, a Ouvinte           | 101 |
| 17. Os Rumores do Oceano         | 106 |

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 18. Cheiros                      | 112 |
| 19. O Rochedo                    | 120 |
| 20. A Cidade do Pescador         | 126 |
| Último Capítulo. De Volta a Casa | 132 |

## Puddleby



Há muitos anos — quando os nossos avós eram crianças —, havia um médico que se chamava Dolittle — John Dolittle, D. M. «Doutor em Medicina» significa que ele era um médico a sério e sabia muitas coisas.

Ele vivia numa pequena aldeia chamada Puddleby-on-the-Marsh. Todos — novos e velhos — o conheciam de vista. Sempre que passava pela rua de cartola, alguém dizia: «Lá vai o Doutor! É um homem inteligente.» E os cães e as crianças corriam

até ele e seguiam-no; e até os corvos que viviam na torre da igreja crocitavam e acenavam com a cabeça.

A casa em que ele vivia, no limite da aldeia, era bastante pequena; mas o seu quintal era muito grande, tinha um relvado amplo e bancos de pedra debaixo de salgueiros. A sua irmã, Sarah Dolittle, tratava da casa, mas era o próprio Doutor quem cuidava do quintal.

Ele gostava muito de animais e tinha em casa vários de espécies diferentes. Além dos peixes-dourados no pequeno lago ao fundo do quintal, tinha coelhos na despensa, ratos brancos no piano, um esquilo no armário da roupa branca e um ouriço-cacheiro na cave. Também tinha uma vaca e um bezerro, e um cavalo velho e coxo — com vinte e cinco anos — e galinhas, pombos, dois cordeiros e muitos outros animais. Mas os seus preferidos eram a pata Dab-Dab, o cão Jip, o leitão Gub-Gub, a papagaia Polynesia e a coruja Too-Too.

A irmã costumava resmungar por causa de todos estes animais e dizia que eles desarrumavam a casa. Um dia, uma senhora idosa com reumatismo foi consultar o Doutor, sentou-se em cima do ouriço-cacheiro que estava a dormir no sofá e nunca mais lá voltou; todos os sábados ia de carro até Oxenthorpe, uma aldeia a quinze quilómetros, para consultar outro médico.

Então a irmã, Sarah Dolittle, foi ter com ele e disse-lhe:

— John, como queres que as pessoas doentes te venham consultar se tens todos estes bichos cá em casa? Um bom médico não teria a sala de estar cheia de ouriços-cacheiros e ratos! É a quarta pessoa que estes animais afastam. O senhor Jenkins e o pároco dizem que não voltam a pôr cá os pés, por muito doentes que estejam. Estamos cada dia mais pobres. Se continuas assim, nenhuma pessoa respeitável te quererá como médico.



— Mas eu gosto mais dos animais do que das «pessoas respeitáveis» — disse o Doutor.

— És ridículo — disse a irmã, e saiu da sala.

Com o passar do tempo, o Doutor tinha cada vez mais animais e as pessoas que o iam consultar eram cada vez menos. Até que já ninguém o consultava — exceto o homem que vendia carne para gatos, a quem nenhum animal incomodava. Mas o homem que vendia carne para gatos não era muito abastado e só adoecia uma vez por ano — por altura do Natal, quando costumava pagar ao Doutor seis dinheiros por um frasco de remédio.

Não se consegue viver com seis dinheiros por ano — nem naqueles dias, há muito tempo. Ninguém sabe o que teria acontecido se o Doutor não tivesse algum dinheiro guardado no mealhinho.

Ele insistia em ter ainda mais animais; e, obviamente, era muito dispendioso alimentá-los. O dinheiro que poupara era cada vez menos.

Então vendeu o piano, e deixou os ratos viverem na gaveta de uma cómoda. Mas o dinheiro que recebeu pelo piano também começou a escassear, por isso vendeu o fato castanho que usava aos domingos, e continuou a ficar cada vez mais pobre.

E agora, quando passava pela rua de cartola, as pessoas diziam umas às outras: «Lá vai o Doutor Dolittle, D. M. Em tempos, era o médico mais famoso do Sudoeste... Olhem para ele agora... Sem um tostão e com as meias cheias de buracos!»

Mas os cães e os gatos e as crianças continuavam a correr atrás dele e a segui-lo pela aldeia — como faziam quando ele era rico.

## A Língua dos Animais



Um dia, o Doutor estava sentado na cozinha a falar com o homem que vendia carne para gatos, que o tinha ido consultar por causa de uma dor de estômago.

— Porque é que não deixa de ser médico de pessoas para ser médico de animais? — perguntou o homem que vendia carne para gatos.

A papagaia Polynesia estava postada à janela a contemplar a chuva e a cantar para si mesma uma canção de marinheiros. Parou de cantar e começou a ouvir.

— Ouça — continuou o homem que vendia carne para gatos —, o Doutor sabe tudo sobre animais... muito mais do que os veterinários daqui. Aquele livro que escreveu... sobre gatos... ora,

é maravilhoso! Eu não sei ler nem escrever, senão talvez *eu próprio* escrevesse alguns livros. Mas a minha mulher, a Theodosia, tem estudos, é verdade. E ela leu-me o seu livro. Bem, é maravilhoso... é tudo o que posso dizer... maravilhoso. O Doutor podia ser um gato. Sabe como eles pensam. E atenção: pode ganhar muito dinheiro a tratar animais. Sabia disso? Ouça, eu podia encaminhar para si todas as senhoras de idade que têm gatos ou cães doentes. E, se eles não adoecessem em tempo útil, eu podia pôr alguma coisa na carne que lhes vendo para eles se sentirem mal, está a ver?

— Oh, não — disse rapidamente o Doutor. — Não pode fazer isso. Não estaria correto.

— Oh, não estou a dizer sentirem-se mesmo mal — replicou o homem que vendia carne para gatos. — Só lhes daria um bocadinho de qualquer coisa que os deixasse como que enfraquecidos, era o que eu queria dizer. Mas, como o Doutor diz, provavelmente não seria justo para os animais. Só que eles vão adoecer, de qualquer maneira, porque as senhoras de idade dão-lhes sempre demasiada comida. E mais, todos os agricultores das redondezas que têm cavalos coxos e cordeiros adoentados viriam até cá. Porque é que não se torna médico de animais?

Quando o homem que vendia carne para gatos já se tinha ido embora, a papagaia voou da janela até à mesa do Doutor e disse: — Aquele homem tem tino. É o que devia fazer. Ser médico de animais. Desista das pessoas, que são parvas, se não têm inteligência para perceber que o senhor é o melhor médico do mundo. Trate antes dos animais... *eles* vão perceber num instante. Torne-se médico de animais.

— Oh, há bastantes médicos de animais — disse o John Dottle, pondo os vasos sobre o parapeito da janela para apanharem a água da chuva.